

TENDÊNCIAS / DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

debates@uol.com.br www.folha.com/tendencias

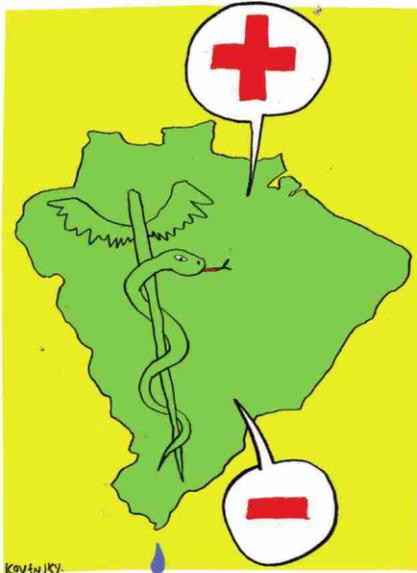
PAINEL DO LEITOR

A seção recebe mensagens pelo e-mail leitor@uol.com.br, pelo fax (11) 3223-1644 e no endereço al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos.

Mais Médicos: Fragmentos sobre a loucura

MIGUEL SROUGI

Martin Kovensky



Nem eu nem meus colegas brasileiros rejeitamos a ideia de mais médicos, afinal essa é uma aspiração planetária. De acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde), faltam no mundo 4,3 milhões de médicos e enfermeiras, carência impossível de ser ignorada, pois penaliza 1 bilhão de pessoas, como sempre aquelas que perambulam à margem da existência digna.

O que eu e a imensa maioria dos médicos brasileiros não conseguimos aceitar é a forma como o programa Mais Médicos foi imposto à nação. Para dissimular a indecência na saúde, nossos governantes trouxeram médicos cubanos. Inicialmente de grande apelo aos mais distraídos, mas ilegítima, injusta, inconsistente e empulhadora.

Iniciativa ilegítima por violar as leis e os valores da sociedade brasileira. Como aceitar que profissionais recebam menos de 10% do que foi anunciado; cidadãos proibidos de expressar seus sentimentos, vivendo em cativeiros, num país onde a liberdade constitui uma conquista inegociável de seu povo.

Injusta porque, em três anos, serão transferidos R\$ 5 bilhões para Cuba, país igualmente carente, mas que não pode ser privilegiado em detrimento dos desvalidos do Brasil. País habitado por 60 milhões de analfabetos e por 6,5 milhões de pessoas vivendo em extrema pobreza, que vão para a cama sem saber se terão o que comer no dia seguinte.

Também injusta porque, para implementar um programa tão inconsistente, nossas autoridades demanzaram os médicos brasileiros, cuja competência e abnegação é reconhecida dentro e fora de nossas fronteiras. O ex-ministro Alexandre Padilha escreveu nesta **Folha** que os médicos brasileiros aprendiam com os pacientes pobres nos hospitais públicos, para depois só tratar ricos.

Poucas vezes testemunhei algo tão preconceituoso, perigoso e mentiroso. O ex-ministro, que diz ter estudado medicina, sabe que em todo o planeta existe um contrato social não escrito: médicos aprendem em hospitais universitários e, como retribuição, os pacientes recebem cuidados orientados ou providos por professores, que se colocam entre os mais competentes médicos de cada país.

Iniciativa inconsistente porque os médicos cubanos, com formação dúbia, serão incapazes de exercer qualquer ação médica efetiva em ambientes degradados e abandonados. O que fará frente a um paciente com dor aguda no peito? Se do céu cair um eletrocardiograma, não saberão interpretá-lo. Se por intuição discernirem de um infarto, não conse-

Lamento prever a ruína do Mais Médicos. Os nossos governantes esforçam-se para esconder os frangalhos da ação tresloucada

guirão tratá-lo. Se alguma divindade conseguir transportar o paciente para um centro mais desenvolvido, inexistirão vagas nos hospitais do SUS. Atendido no setor de emergências, ele morrerá pelo infarto e de fato, pois terá que utilizar o seu cobertor para forrar o chão gelado, onde será despejado e não atendido.

Iniciativa empulhadora porque atribui a ruína da saúde à falta de médicos nos rincões, quando na verdade a indecência instalou-se porque o Brasil tem sido dirigido por governantes desonestos e de uma ineptia inabalável. Governo cujo Ministério da Saúde promoveu, nos últimos cinco anos, o fechamento de 286 hospitais ligados ao SUS e deixou de utilizar, em 2012, R\$ 17 bilhões dos recursos a ele destinados. Valor com o qual teriam sido

unidades básicas de saúde e com o qual menos corpos estariam despencando diante das portas impenetráveis dos hospitais públicos.

Dirigentes coniventes com a corrupção, que segundo a ONU apodourou-se, em 2012, de R\$ 200 bilhões da riqueza do Brasil, suficientes para construir 9 milhões de residências populares. Também muitos leitos hospitalares se contabilizados os descaminhos recentes da turma do punho cerrado, do bando das mãos lambuzadas de petróleo ou do time dos pés entortados.

Lamento prever a ruína próxima do Mais Médicos. Os cubanos já estão migrando para centros mais prósperos e os nossos governantes, sob jugo da marquetagem eleitoral e com mentiras repetidas, esforçam-se para esconder os frangalhos da ação tresloucada. Restarão no palco do horror, abandonados e resignados, aqueles que nunca conseguirão expressar a desilusão.

MIGUEL SROUGI, 67, professor titular de urologia da Faculdade de Medicina da USP, é pós-graduado em urologia pela Universidade Harvard (EUA) e presidente do Conselho do Instituto Criança e Vida

O problema das biografias autorizadas

JOSÉ AFONSO DA SILVA

A biografia é uma atividade intelectual livre, que não pode sofrer censura nem restrição nem precisa de licença para ser publicada

uma pessoa, como está dito no artigo, ou escrito sobre uma pessoa, como um grupo formado por Caetano Veloso, Chico Buarque, Gil e o próprio Roberto Carlos querem ou quiseram. De fato, o art. 20 não proíbe a divulgação ou publicação de escrito sobre uma pessoa, que é o que define uma biografia. Por outro lado, a imagem de uma pessoa pode ser imagem-figura e imagem-atributo.

Divulgar escrito entra neste segundo tipo. É claro que o escrito de uma pessoa só pode ser divulgado ou publicado com sua autorização, porque aí está envolvido o direito econômico e moral do autor, razão por que se fala em indenização.

De toda forma, o dispositivo deve ser interpretado tendo em vista as regras da Constituição de 1988, sobretudo o disposto no art. 5º, IX, segundo o qual "é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou de licença". E ainda há o art. 220, segundo o qual

a manifestação do pensamento, a criação e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo, não sofrerão qualquer restrição.

A biografia é uma atividade intelectual, inequivocamente, é criação e até informação, além de sua dimensão histórica. Logo, é uma atividade livre que não pode sofrer censura nem restrição nem precisa de licença para ser publicada.

Demais, o invocado direito à privacidade para exigir-se a autorização não ocorre no caso, primeiro tendo em vista aquela liberdade garantida nos dispositivos constitucionais, segundo a pessoa notória, que se torna de interesse público pela fama ou significação intelectual, artística ou política e não poderá alegar ofensa a seu direito à imagem se a divulgação estiver ligada à ciência, às letras, à moral, à arte e à política.

As biografias autorizadas caem no rol do panegírico, do louvor, ou porque o biografado ganhou para elaborá-la ao gosto do biografado, ou porque o biografado admira tanto o biografado que seu objetivo é mesmo destacar suas qualidades.

JOSÉ AFONSO DA SILVA, 58, constitucionalista, é professor aposentado de direito da USP

Morte de coronel

O coronel reformado Paulo Malhães deveria saber por experiência própria que não se brinca com os militares, que por anos governaram o Brasil ("Coronel que confessou ter torturado é morto no Rio", "Poder", ontem).

Na época do regime militar (1964-1985), quem os incomodava era simplesmente eliminado.

ANDRÉ PEDRESCHI ALIISI (Rio Claro, SP)

A morte do coronel reformado Paulo Malhães, que admitiu no mês passado ter torturado durante o regime militar, dificilmente foi um crime comum, apesar de os assassinos terem levado joias, armas e dinheiro para tentarem passar a ideia de latrocínio.

Tudo leva a crer em três hipóteses: queima de arquivo, vingança de alguém que é familiar de torturado e morto ou ato de algum setor da extrema esquerda ou da extrema direita.

PEDRO VALENTIM (Bauri, SP)

Assaltos

No primeiro trimestre de 2014, o número de roubos cresceu 33,5% no Estado de São Paulo e foi o maior desde 1995 ("Com 37 roubos por hora, SP bate recorde de assaltos em 19 anos", "Cotidiano", ontem).

Por aí se vê a desastrosa política de segurança pública adotada por Geraldo Alckmin (PSDB) no Estado mais rico e desenvolvido do Brasil. O aumento da violência e da insegurança é visível.

Onde vai parar o dinheiro de nossos impostos? Um mínimo de competência, técnica, planejamento, gestão e eficiência seriam bem-vindos.

RENATO KHAIR (São Paulo, SP)

Sou delegado de polícia em São Paulo há 20 anos, tendo sido investigador por outros quatro.

Nesse período, sou obrigado a conviver com anúncios de novas medidas milagrosas para a segurança pública, que está cada vez mais sucateada, com policiais despreparados e destreinados, além de unidades de investigação desestruturadas, com crescente falta de recursos.

Não se pode olvidar também da baixa remuneração, que implica perda de brilhantes profissionais para outros Estados, Polícia Federal ou outras carreiras.

Será que isso explica o recorde de assaltos em 19 anos?

PAULO LEW (São Paulo, SP)

Padilha

Dando o devido direito à presunção da inocência, antes de negar e acusar os demais de mentirem, seria bom o ex-ministro e pré-candidato ao governo de São Paulo, Alexandre Padilha, avaliar bem o que nega e o que diz ("Padilha diz ter sido usado por deputado", "Poder", ontem).

Os tempos mudaram, e não basta mais ser petista para ter salvo-conduto.

CLAUDIO JUCHEM (São Paulo, SP)

Aborto

Mais uma vez Hélio Schwartsman ("Questão de responsabilidade", 25/4) se mostra equivocada, comparando uma gravidez a um câncer ou a um acidente.

Doenças são uma consequên-

ASSUNTOS MAIS COMENTADOS DA SEMANA

- ELEIÇÕES ⇨ 13%
- COPA DO MUNDO ⇨ 9,5%
- CPI DA PETROBRAS ⇨ 6,6%

TOTAL: 586 mensagens

Total de comentários no site da Folha de 19 a 25 abr: 6.702

*Soma das mensagens enviadas para a Folha

cia de nossas atitudes perante à vida e nem sempre é possível escapar delas. A gravidez, ao contrário, pode ser evitada.

O aborto, infelizmente, tira a oportunidade de vida de alguém.

ROBERTO GERMANO RIBEIRO (São Paulo, SP)

Quem quer fazer aborto faz, porém com muito menos segurança do que se esse ato fosse legalizado. Por isso, anualmente, muitas mulheres morrem por conta de abortos mal feitos. É lamentável que os políticos não se posicionem sobre fato tão grave.

RONALDO J. NEVES DE CARVALHO (SÃO PAULO, SP)

Hélio Schwartsman e Rogério Gentile ("Direito à vida", "Opinião", 24/4) trataram de um tema muito delicado em suas colunas. Schwartsman questiona: quem paga, ou seja, quem é o responsável por um fumante que adquire uma moléstia e tem que se tratar? É ele mesmo? Ou é o SUS? Ora, apesar de a escolha pelo cigarro ser do próprio fumante, o SUS se responsabiliza pelo tratamento.

Ele questiona o aborto utilizando o mesmo raciocínio. Na minha opinião, no caso do aborto, o assunto é bem diferente por se tratar de um terceiro envolvido, o feto, uma vida que não tem como se posicionar.

RODRIGO MOREIRA VIEIRA (São Lourenço, MG)

Copa

É com muita preocupação que tenho acompanhado as manifestações que têm ocorrido nesse período que antecede a Copa.

O compromisso de hospedar a competição foi infelizmente assumido pelo nosso ex-presidente Lula, mas agora tem que ser cumprido da melhor forma possível.

Temos que evitar que seja posta em risco a segurança dos nossos turistas. Nossos problemas são inúmeros, mas precisamos que sejam resolvidos democraticamente nas eleições de outubro, por meio de um voto consciente.

DALTON RUBENS MAIURI (São Paulo, SP)

Tem razão o técnico Bernardinho ("Meu dissabor é com o país, que não tem prioridades", "Esporte", 25/4) quando diz que o Brasil não tem planejamento e que as críticas à Copa deveriam ter sido feitas quando Lula apareceu com a ideia de sediar a competição e os Jogos Olímpicos.

Mas ele também está errado porque sempre soube de nossas deficiências, como falta de planejamento e outras mazelas e, somente agora, vem se manifestar. É muito fácil criticar o outro.

HUMBERTO MENDES (São Paulo, SP)

▶ LEIA MAIS ARTIGOS NO SITE DA FOLHA - www.folha.com.br/paineldoleitor

▶ SERVIÇOS DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE: saa@grupofolha.com.br

0800-775-8080 Grande São Paulo: (11) 3224-3090

▶ OMBUDSMAN: ombudsman@uol.com.br 0800-015-9000

ERRAMOS

erramos@uol.com.br

PODER (25.ABR, PÁG. A8) Diferentemente do informado na reportagem "Refinaria teve saque milionário sem registro", o saque teve registro contábil na Petrobras América, embora sua autorização não tenha sido documentalmente registrada.

ILUSTRADA (25.ABR, PÁG. E1) Diferentemente do publicado no texto "Quarentão e em crise, 'Fantástico' surge rechauchado", de Isabelle Moreira Lima, o novo estúdio do programa tem 500 metros quadrados, e não 500 mil metros quadrados.